



KES

Knowledge Exchange Sessions

ALEXA CLAY

U.S. DIRECTOR OF THE ROYAL SOCIETY
FOR ARTS E AUTORA DO LIVRO THE MISFIT
ECONOMY

MISFIT ECONOMY



“A economia informal chega a movimentar cerca de US\$ 10 trilhões e, em alguns casos, até 67% do PIB de alguns países”

AS DIFERENTES MENTALIDADES MISFIT

Em sua palestra no KES, Alexa falou sobre os diferentes mindsets com os quais se deparou durante sua pesquisa de comportamento humano em vários lugares do mundo e descreveu suas diferentes peculiaridades.

O utópico é aquele que sonha alto e geralmente tem uma “viagem” própria. Esse tipo de empreendedor pode ser encontrado, por exemplo, em comunidades alternativas ou em ecovilas, em que é necessário criar novas formas de tomada de decisão: sem hierarquia, democraticamente. O movimento de protesto *Occupy* é outro exemplo deste tipo de *mindset*.

Já os *gângsters* costumam criar uma espécie de subcultura tribal entre os seus, ainda que estejam fora da lei. Trata-se de uma figura carismática, líder de uma organização que opera com muitos riscos. Mesmo em situações extremas, como a cadeia, usam a criatividade para dar novo significado às coisas – como objetos que viram armas.

O QUE OS “DESAJUSTADOS” TÊM A NOS ENSINAR

O CONCEITO DO EMPREENDEDOR USUAL FIGURA EM DIVERSAS PUBLICAÇÕES, PORÉM TEMOS MUITO A APRENDER COM OS PERSONAGENS POUCO ORTODOXOS DA MISFIT ECONOMY

O que um pirata, um gângster ou um xamã têm a ensinar ao seu negócio? A pergunta pode soar esquisita, mas é a base do pensamento da *Misfit Economy* (A Economia dos Desajustados), que consiste em buscar inspiração justamente em personagens pouco ortodoxos.

E por que aprender com eles? “A economia informal chega a movimentar cerca de US\$ 10 trilhões e, em alguns casos, até 67% do PIB de alguns países”, disse **Alexa Clay**, autora do livro *The Misfit Economy*, ao falar da relevância pouco conhecida do empreendedor “desajustado”.

Ela foi a convidada da mais recente edição do **KES (Knowledge Exchange Session)**, realizada no dia 27/06 na charmosa Casa de Francisca, no centro de São Paulo.

Todo o conceito da Misfit Economy gira em torno de aprender com essas figuras incomuns ou mesmo com contraventores. Isso é importante, pois geralmente esses personagens são bem sucedidos em suas empreitadas e revelam formas criativas de superar barreiras e transformar mentalidades.



Os *hackers* são aqueles que conhecem profundamente o funcionamento de sistemas, para depois decodificá-los. Eles têm capacidade de subverter padrões e costumam atuar de forma descentralizada.

No caso dos piratas, ainda que sejam conhecidos por práticas como saques e roubos, eles contam com um sistema sólido de organização interna. Alexa até chegou a citar que eles inovaram ao fazerem da embarcação uma pequena democracia por implantarem um senso de igualdade e voto para escolha de uma liderança. Além disso, eles têm grande capacidade de negociação e de achar soluções alternativas em condições adversas.

E, por fim, os xamãs. Figura fundamental, são sábios, dotados de grande empatia e costumam exercer o papel de facilitador e de conselheiro. É aquele que trabalha para o bem dos outros – um papel muitas vezes esquecido dentro da maioria das corporações.





“O fato é que todos nós temos potencial para sermos *gângsters*, *hackers* ou ativistas, porém o sistema existe para que a gente não use essas características”

E COMO ISSO FUNCIONA NA PRÁTICA?

Ainda que as mentalidades dos empreendedores da Economia dos Desajustados sejam aspiracionais, elas podem servir de inspiração para novas filosofias de gerenciamento. Sobretudo em casos de intraempreendedorismo, quando uma companhia dá liberdade para funcionários trabalharem em novas possibilidades dentro da própria corporação.

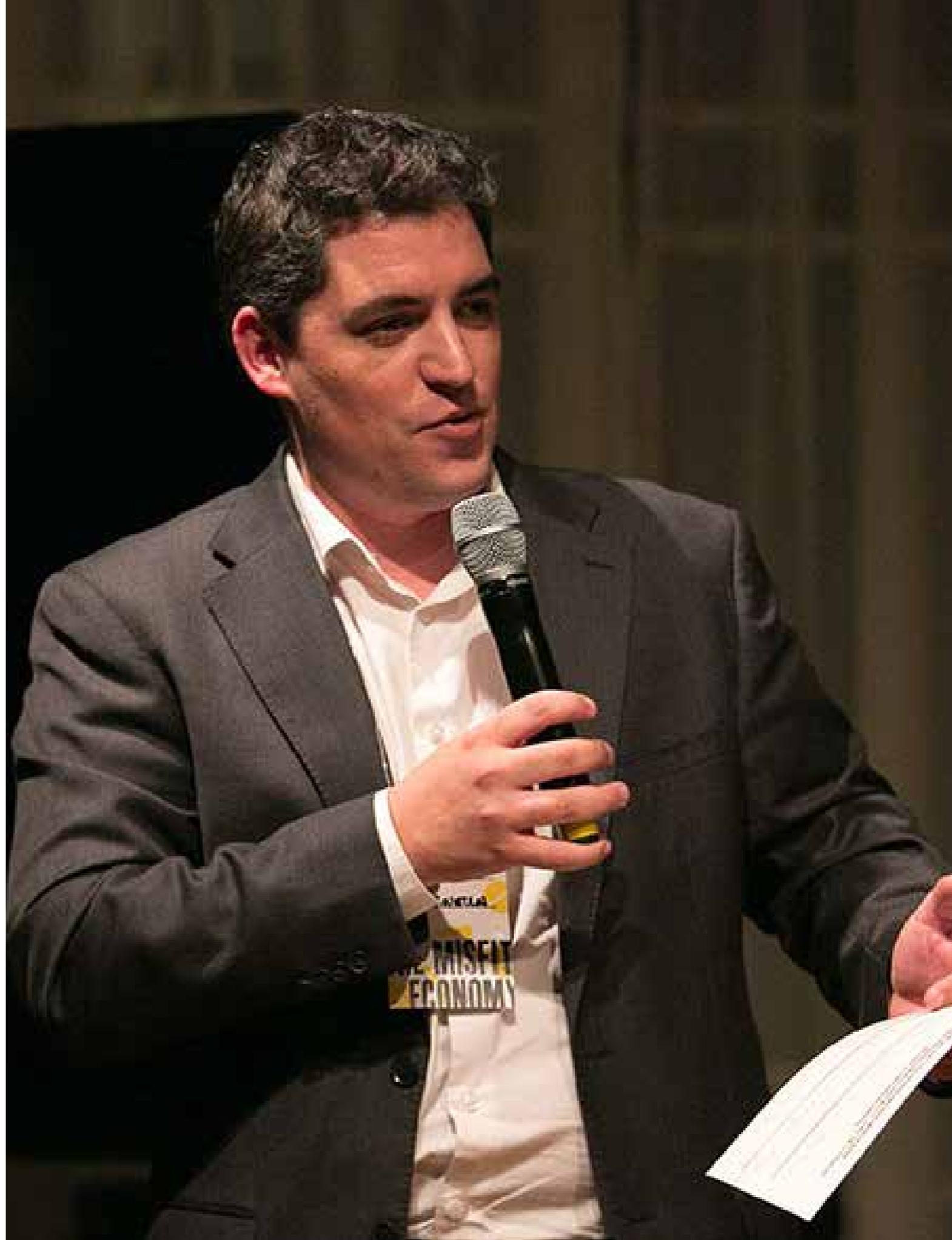
“O Facebook se define como uma companhia *hacker*. Eles tentam fazer *hackathons* para desenvolver processos rápidos sobre como inovar”, exemplificou Alexa. Para ela, devemos nos deparar cada vez mais com “*misfits*”. No entanto, vai ser um grande desafio apoiar essas pessoas a fornecer seus pontos de vista diferentes. “Uma forma é criar uma subcultura dentro da companhia para fazer coisas experimentais”, afirmou. “O fato é que todos nós temos potencial para sermos *gângsters*, *hackers* ou ativistas, porém o sistema existe para que a gente não use essas características”.



EXCHANGE
SESSION

**DURANTE A SESSÃO PRÁTICA, OS PARTICIPANTES FORAM CONVIDADOS
A PENSAR EM COMO LEVAR ESSAS MENTALIDADES PARA
O AMBIENTE DE TRABALHO. PARA ISSO, FOI PROPOSTA
UMA DISCUSSÃO EM GRUPO DE COMO IMPLEMENTAR
TRÊS IDEIAS FILOSÓFICAS NA CRIAÇÃO DE UMA EMPRESA IDEAL,
USANDO COMO BASE O PENSAMENTO DA MISFIT ECONOMY.**

Danilo Pacagnella, da Três Corações, expôs as ideias do seu grupo: baseado na mentalidade *gângster*, sugeriram um projeto em que pessoas mudassem de função e de hierarquia. Sendo assim, um colaborador ocuparia a função de chefe. A segunda ideia, inspirada pelo *mindset* do provocador, consistiria em ter um time contrário ao que a própria empresa faz — por exemplo, um projeto em que pessoas que odeiam café pudessem opinar. Por fim, a terceira filosofia foi pensada tendo a cultura pirata como base. Nela, uma equipe trabalharia apenas em projetos impossíveis. Ainda que as ideias não fossem concluídas, parte delas poderia ser aproveitada de alguma maneira.





Já o grupo da **Camila Salek**, da Vimer, pensou no papel do provocador na contratação, pois “dentro de uma equipe homogênea, é interessante ter alguém que confronte o mindset vigente”. A mentalidade *gângster* seria usada para dar um senso de pertencimento a novos funcionários, sobretudo aos mais jovens, para que se sintam parte da organização. A mentalidade xamã serviria para definir pessoas dentro de uma companhia para cuidar e acolher os colaboradores.

“De modo geral, todas as ideias envolvendo contracultura são ótimas, pois fazem com que você lide com assuntos que podem te tirar de sua área de atuação principal. Elas também permitem que você arrisque fora daquilo que é seu núcleo de negócios, mas pode ser uma ameaça”, comentou Alexa, sobre a exposição dos grupos.



DEPOIS DE NAVEGAR
PELO UNIVERSO DA
MISFIT ECONOMY,
PROPOMOS ALGUMAS
REFLEXÕES ELABORADAS
DURANTE A TROCA DE
IDEIAS E QUE PODEM
CONTRIBUIR PARA
PRÁTICAS INOVADORAS
NA SUA EMPRESA:

*Como posso incentivar
a atuação dos misfits
da minha companhia?*

*No processo de
seleção, existe uma
preocupação por
diversidade?*

*O quanto minha
empresa cultiva uma
mentalidade tribal
entre os funcionários,
gerando um senso de
pertencimento?*

*Minha empresa
tem uma cultura de
permissão ao erro?*

*Já pensamos em
criar hackathons,
com funcionários de
diferentes setores,
para posicionar
estrategicamente a
empresa para possíveis
mudanças no mercado
que atuo?*

*Já consideramos montar
uma equipe apenas com
projetos impossíveis?
Parte da inovação
acaba ocorrendo por
acidente. O Viagra, por
exemplo, foi inventado
por uma equipe que
pesquisava doenças
cardíacas*

** Esta edição do KES foi realizada na Casa de Francisca. O espaço, o histórico Palacete Teresa Toledo Lara, era conhecido nos anos 30 como esquina da música, por sediar a Rádio Record e uma loja de instrumentos. Para encerrar a noite com chave de ouro, a cantora Marina de La Riva fez uma apresentação aos convidados.*



INSPIRED BY:

Accenture **Interactive**
Part of Accenture Digital



MISFIT
MINDSET

PROVOKATEUR

Utopico

XAMÃ

GANGSTER

HACKER

Knowledge Exchange Sessions

Deixar profundamente
Comprometer-se com a sabedoria e aprendizagem
Sentido empático para outras necessidades
Facilitar o sucesso de outros
Cuidar da saúde e o bem-estar da comunidade
Ver organizações como um organismo
Capacidade de trazer a visão "de outro mundo"

Tolerar a ambigüidade, assumir riscos
Com destino à cura, resolve problemas de forma criativa
Construir uma presença comunitária
Ter alianças por afinidade
Criar uma cultura hacker
Alcançar a juventude e servir a comunidade

WWW.KES.DO

INSTAGRAM

TWITTER

FACEBOOK

G+

LINKEDIN